

M

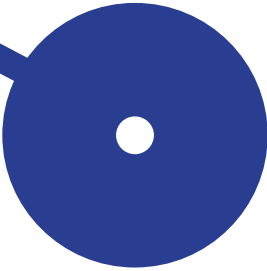
MESTRADO

Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

**A técnica vocal para vozes em desenvolvimento:
Experiências de professores de Educação Musical do
2ºCiclo do Ensino Básico**

Inês Tato Lopes

07/2024



Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Inês Tato Lopes

A técnica vocal para vozes em desenvolvimento: Experiências de professores de Educação Musical do 2ºCiclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio

Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Orientação: Prof.^a Doutora Aoife Hiney

Porto, Julho 2024

Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Inês Tato Lopes

A técnica vocal para vozes em desenvolvimento: Experiências de professores de Educação Musical do 2ºCiclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio

Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Orientação: Prof.^a Doutora Aoife Hiney

Porto, Julho 2024

AGRADECIMENTOS

À Professora Aoife Hiney, pela confiança, disponibilidade e orientação durante todo o meu percurso académico.

Ao Professor Carlos Graciano, pela cooperação e mentoria diária.

À Professora Graça Boal Palheiros e ao Professor Jonas Araújo, pelas aprendizagens.

À minha família, pela educação.

À minha amiga Érica, pelo apoio e motivação incansável.

Às minhas colegas de estágio, Ana Catarina e Ana Beatriz, por toda a partilha.

RESUMO ANALÍTICO

O presente trabalho de investigação visa compreender o nível de formação específica em técnica vocal dos docentes de Educação Musical, e se esta é direcionada para vozes em desenvolvimento. A literatura académica demonstra a importância que a técnica vocal para vozes em desenvolvimento tem na formação de um professor, devido ao seu potencial em promover não só um bom uso da voz, como também da saúde vocal. No entanto, apesar do canto constatar uma parte substancial das Aprendizagens Essenciais, são poucas as orientações para os professores. Para desenvolver uma compreensão das estratégias utilizadas pelos professores de Educação Musical no desenvolvimento da técnica vocal na sala de aula, realizou-se um inquérito nacional. A análise dos dados demonstra que os inquiridos (N = 40) gostariam de ter tido acesso à formação específica em técnica vocal para a voz em desenvolvimento. Os resultados desta investigação apontam para uma necessidade de promover uma formação mais abrangente em técnica vocal e em específico, na voz em desenvolvimento.

Palavras-chave: técnica vocal; vozes em desenvolvimento; formação de professores; inquerito; educação musical

ABSTRACT

The primary aim of this research is to develop an understanding of the level of specific training in vocal technique among teachers of primary school music, and whether this involves the developing voice. The academic literature demonstrates the importance of vocal technique for developing voices within teacher training, due to its potential to promote and improve good vocal use, but also vocal health. However, despite singing activities forming a substantial part of the 'Essential Learning' guidelines, there is little specific information for teachers. A national survey was conducted in order to develop an understanding of the strategies used by teachers to promote vocal technique in the classroom. The data analysis shows that the participants (n = 40), would like to have had access to specific training regarding the developing voice. The results of this research suggest there is a need to provide more ample training in vocal technique, and for the developing voice in particular.

Keywords: vocal technique; developing voice; teacher training; survey; music education.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Planificação a médio e longo prazo.....	21
--	----

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Escola (parte externa).....	18
Figura 2 – Escola (parte interna).....	18
Figura 3 – Sala Museu.....	19
Figura 4 – Inquérito: Resposta à questão 1.....	36
Figura 5 – Inquérito: Resposta à questão 2.....	37
Figura 6 – Inquérito: Resposta à questão 3.....	38
Figura 7 – Inquérito: Resposta à questão 4.....	39
Figura 8 – Inquérito: Resposta à questão 6.....	42
Figura 9 – Inquérito: Resposta à questão 7.....	43
Figura 10 – Inquérito: Resposta à questão 9.....	45
Figura 11 – Inquérito: Resposta à questão 10.....	46
Figura 12 – Inquérito: Resposta à questão 12.....	48

ÍNDICE

1.	OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA MUSICAL NO 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO.....	11
1.1	ESCOLA A	11
1.2	ESCOLA B	12
1.3	ESCOLA C.....	13
1.4	ESCOLA D	14
1.5	ESCOLA E.....	16
2.	PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 2.º CICLO	18
2.1.	ESCOLA BÁSICA AUGUSTO GIL	18
2.1.1	CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	18
2.1.2	CARACTERIZAÇÃO DA TURMA.....	19
2.2	A EDUCAÇÃO MUSICAL NO 2ºCICLO	20
2.2.1	RECURSOS.....	20
2.2.2	ATIVIDADES.....	20
2.2.3	REPERTÓRIO	21
	22
2.2.4	PERFIL MUSICAL DOS ALUNOS.....	23
2.3	REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	24
3.	PROJETO DE INVESTIGAÇÃO.....	28
3.1	INTRODUÇÃO	28
3.2	REVISÃO DA LITERATURA.....	29
3.2.1	A TÉCNICA VOCAL NA INFÂNCIA, AS PRIORIDADES NO DESENVOLVIMENTO DE TÉCNICA VOCAL NA INFÂNCIA. ESPECIFICIDADES DE VOZ INFANTIL.....	29
3.2.2	O DESENVOLVIMENTO DA TÉCNICA VOCAL NO CONTEXTO ESPECÍFICO DO 2º CICLO DE ENSINO BÁSICO EM PORTUGAL; APRENDIZAGENS.....	30
3.2.3	A FORMAÇÃO EM TÉCNICA VOCAL DOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO MUSICAL	
	31	
3.3	ESTUDO	32
3.3.1	PROBLEMÁTICA.....	32
3.3.2	OBJETIVOS	32
3.4	METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	33

3.4.1	PROCEDIMENTO E INSTRUMENTOS DE RECOLHA.....	35
3.5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	36
3.5.1	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	36
3.5.2	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	53
	CONCLUSÃO	56
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

INTRODUÇÃO

Este relatório tem como objetivo descrever a minha Prática de Ensino Supervisionada, que está integrada no Mestrado em Ensino de Educação Musical no 2º ciclo do Ensino Básico e também o projeto de investigação.

O relatório está dividido em 3 capítulos. O primeiro diz respeito às observações realizadas em diferentes escolas do 2ºciclo do Ensino Básico, onde são descritas as condições da escola, o espaço e os materiais, assim como as estratégias e metodologias utilizadas por cada professor de Educação Musical.

O segundo capítulo, caracteriza a escola onde realizei a minha prática de ensino supervisionada, onde descrevo a escola, as condições da mesma, assim como os recursos materiais. Apresenta ainda uma reflexão sobre a minha evolução ao longo do ano, assim como as dificuldades e os desafios superados.

Por fim, o terceiro capítulo é destinado ao projeto de investigação, onde procurei investigar sobre a técnica vocal para vozes em desenvolvimento, mais concretamente acerca das experiências dos docentes do 2ºciclo do Ensino Básico.

1. OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA MUSICAL NO 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

1.1 ESCOLA A

A escola é uma instituição privada, que abrange desde o pré-escolar até ao ensino secundário. O colégio fica localizado no porto, conta com umas boas condições, instalações novas e muito espaço, as salas de aula são bastante grandes, tem um quadro interativo e cada aluno tem uma mesa individual. O musicento, onde são lecionadas as aulas de música, dispunham de um grande espaço para os alunos, sem mesas, com vários instrumentos, uma televisão e boas condições acústicas. A turma era do 5º ano, eram bastante interessados pelo que estavam a fazer, eram afinados e tinham um bom comportamento. Nesta aula os alunos estavam a ensaiar para um concerto de Natal que iam ter.

A sala de aula de música era muito bem equipada, tinha vários instrumentos orff (jogos de sinos, xilofones sopranos, alto e baixo, bateria, guitarras, teclados, entre outros.). Para além disso tinham também uma televisão, um quadro móvel, internet colunas, uma sala de gravações, e na sala de aula em questão não havia mesas, mas sim um pequeno estrado onde os alunos se sentavam, o que facilita bastante a dinâmica da aula. Apesar de a escola utilizar o manual “Play”, a aula em questão, como já referi, foi um ensaio para um concerto que a turma ia ter, por isso, não utilizaram o manual e o repertório utilizado foi bastante variado, para além das músicas de Natal, tinha repertório atual e que ia de encontro aos gostos dos alunos, eles demonstravam-se bastante interessado nas músicas. Os alunos do colégio têm música desde que entram na pré, para além das aulas de educação musical têm opção de ter aulas de bateria, por exemplo.

A aula foi um ensaio para um concerto que os alunos iam ter, assim, o objetivo da aula foi montar as músicas para o concerto, os alunos tocaram instrumentos orff, tocaram flauta e cantaram. Assim, não deu para perceber muitas estratégias, uma vez que foi um ensaio corrido. A última atividade da aula foi aprender uma música que tinham sido os alunos a

escrever a letra, e por isso, quando foi musicada a métrica e a melodia não encaixava bem e isso dificultou a aprendizagem dos alunos, no entanto os alunos estavam receptivos a aprender, porque para além de se notar que gostavam da disciplina de educação musical, tinham escrito a letra da canção. De forma geral, a aula foi interessante, os alunos eram interessados e estavam bastante seguros do que tinham de fazer. Acredito que o bom comportamento dos alunos e o interesse dos alunos também seja influenciado pelo meio social em que eles estão inseridos, assim como as condições da escola facilitam muito as aulas.

1.2 ESCOLA B

A escola é uma instituição privada, que abrange desde a creche até ao ensino secundário. O projeto educativo desta escola centra-se no aluno e no trabalho de equipa, e tem como principalmente objetivo o sucesso do futuro dos alunos. É uma escola que acompanha a evolução tecnológica do mundo, por isso utilizam muitos recursos tecnológicos nas aulas e preocupam-se que os alunos adquiram essas competências tecnológicas que lhes serão úteis no futuro.

A sala de aula de música não era uma sala convencional, dispunha de sofás para os alunos se sentarem, tornando o ambiente muito mais acolhedor. A escola dispõe de uma grande variedade de instrumentos orff, piano, guitarra, a sala está equipada com um computador, colunas, projetor e quadro. O manual adotado é o “Play”, no entanto na aula que fomos observar não foi utilizado. Os alunos demonstravam bastante interesse pela aula, estavam motivados e gostavam das músicas que estavam a fazer.

A aula foi dedicada ao concerto de Natal que a turma irá fazer, começaram por ensaiar as músicas que vão cantar “Jingle Bells” numa versão adaptada, uma letra mais infantil que captou a atenção dos alunos. Em seguida foi feita uma contextualização acerca do filme do rei leão, pois é o tema da festa de Natal deste ano, e os alunos cantaram a música do rei leão. A grande parte da aula foi dedicada à criação de uma dança para essa música, os alunos por grupos criaram uma coreografia e depois apresentavam-na para o resto da

turma. O último exercício, que funcionou muito bem e deixou os alunos motivados, foi tocar uma música no flúte master. De forma geral, foi uma aula que para além de ser interessante foi divertida para os alunos, notou-se que o professor tinha uma relação de proximidade com os alunos. Uma estratégia que se destacou foi a composição da coreografia, pois o professor deu autonomia e liberdade para os alunos criarem e explorarem os movimentos que queriam utilizar. No entanto, essa atividade também resultou bem pelo facto de a sala de aula ter muito espaço, é uma sala sem mesas e com um espaço grande amplo, o que permitia que os alunos pudessem estar em pequenos grupos a compor. Foi interessante o passo seguinte do exercício em que os alunos apresentavam à turma a sua coreografia e notava-se o envolvimento que eles tinham com a música e a tarefa em questão, pois tinha sido algo criado por eles. Para além disso, o facto de o professor dar um feedback a cada grupo fez os alunos sentirem-se felizes com o resultado. Assim, foi uma aula bastante produtiva, mas que não é uma atividade que possa adaptar a qualquer escola, pois nem todas as salas de aulas estão adaptadas para que isso seja possível.

1.3 ESCOLA C

A Escola Básica do 2º e 3º ciclo é uma instituição pública na baixa do Porto. O seu edifício é bastante antigo, apesar de ser relativamente grande e contar com inúmeras salas de aula, uma biblioteca com bastantes recursos, os espaços de recreio são bastante reduzidos para tantos alunos.

A sala de música da escola é relativamente pequena, com uma disposição de uma sala de aula convencional com mesas e cadeiras. No que diz respeito aos recursos a escola é bem equipada, na sala existe um piano, aparelhagem, inúmeros instrumentos, como maracas, clavas, triângulos, pandeiretas. E para além destes instrumentos, a sala museu que é onde os alunos apresentam os seus concertos de Natal, a escola tem também inúmeros xilofones sopranos, altos e baixos, assim como metalofones, um piano de cauda e bastantes instrumentos de percussão, como caixas, bombos e timbalões. Para além de a

escola ter a disciplina de educação musical como oferta formativa até ao final do 3º ciclo, tem também um clube de canto e de percussão.

De forma geral, foi uma aula bastante dinâmica. No entanto, a estratégia que considerei mais significativa foi a solmização, os alunos estavam completamente seguros daquilo que tinham que cantar e todos sabiam qual o gesto de cada nota e mesmo sem o acompanhamento do piano, cantavam a nota afinada. No que diz respeito à visualização dos vídeos, penso que os alunos estavam bastante motivados, pois ouviram géneros musicais que nunca tinham ouvido antes e quando no final viram os vídeos de cada música que ouviram ficaram bastante motivados, pois no caso da música típica da Lituânia podiam ver um pouco da cultura desse país, as paisagens e as roupas usadas.

A segunda aula que observei nesta escola foi mais prática, o que deu para perceber algumas estratégias utilizadas pelos professores. A estratégia de ensinar uma melodia primeiro por imitação e depois com a partitura, facilita a leitura da partitura numa fase seguinte, a forma como isso funcionou com os alunos e os ajudou a aprender a melodia foi bastante interessante de perceber. Outro ponto que considero positivo, foi o facto de as músicas escolhidas serem bastante próximas dos alunos, apesar de ser importante também dar a conhecer aos alunos diferentes géneros musicais, foi possível perceber que os alunos estavam motivados a aprender as músicas em questão. Apenas quando todos os alunos já sabiam o que tocar e estavam seguros passaram para a sala dos instrumentos, o que contribui para que haja mais silêncio na sala de aula, pois os alunos já sabem o que vão tocar e querem fazê-lo, e o professor não tem de estar a ensinar o que cada um tem de tocar e os outros grupos a terem de estar à espera.

1.4 ESCOLA D

A Escola Básica de 2º ciclo é uma instituição pública, tem uma grande dimensão, bastante espaço para o recreio com campos de jogos e 5 blocos de salas de aula, no entanto as suas instalações são bastante antigas e os recursos das escolas são bastante reduzidos.

Tal como toda a escola, a sala de música não apresentava as melhores condições a nível sonoro e ao nível de recursos materiais. É uma sala bastante antiga, com mesas e cadeiras antigas e com pouco espaço para os alunos fazerem música. A sala tinha apenas uma bateria sem baquetas, para ninguém a utilizar, e um computador com colunas de pouca qualidade. Para além disso, não se notava uma grande motivação nos alunos para as aulas, assim como as atividades não eram práticas nem dinâmicas, pois a escola tem um manual que os professores são obrigados a seguir.

A aula iniciou-se de uma forma bastante tradicional, onde a docente fez a chamada e em seguida projetou o sumário para os alunos copiarem para o caderno, o que demorou bastante tempo uma vez que o sumário era enorme. Durante esse tempo os alunos demonstraram-se inquietos, pois era a última aula do dia e passarem 15 minutos a iniciarem a aula pode tornar-se ainda mais cansativo para eles. Em seguida a docente fez uma pequena revisão das formas que podemos identificar na música, a forma binária, ternária e a rondó, e realizou um exercício em que os alunos tinham de ouvir alguns excertos e identificar a forma. Apesar de aparentemente ter funcionado bem e de os alunos se demonstrarem interessados, a docente referiu que considerava este tipo de conteúdo muito pouco significativo para a aprendizagem das crianças, mas que não tem outra opção a não ser lecioná-lo uma vez que se encontra presente no livro de música obrigatório na escola. Na atividade da mistura tímbrica, a professora começou por falar dos instrumentos adequados ao contexto e perguntou se um violino elétrico estaria mais adequado numa orquestra ou em música pop. Para em seguida mostrar um exemplo de música africana, oriental, parisiense e tradicional portuguesa, acompanhada das imagens dos instrumentos que estavam presentes nesses excertos. Na minha opinião este exercício funcionou bastante melhor que o anterior, pois deu a conhecer os instrumentos característicos de quatro géneros musicais diferentes. A diversidade cultural, nos dias de hoje, tem uma grande importância. Isto porque nas turmas cada vez mais há crianças de diferentes culturas, dando oportunidade delas mesmas participarem na aula e partilharem curiosidades com os colegas. No penúltimo exercício a professora explicou que a posição da nota dó na flauta foi a última a ser ensinada por ser a mais difícil para os alunos. E por fim, no último exercício para explicar a escala diatónica de Dó Maior a docente utilizou um recurso visual que facilitou a aprendizagem na mesma. Na minha

perspetiva, apesar de a professora conseguir cativar a atenção dos alunos e mantê-los interessados na matéria, foi uma aula extremamente teórica. Os alunos não tiveram qualquer tipo de prática, o que é um pouco controverso, visto que aprenderam a posição da nota dó sem sequer tocarem uma vez na flauta. Para além disso, seria interessante acrescentar algumas partes práticas no exercício relativo aos diferentes géneros musicais.

1.5 ESCOLA E

A escola é uma instituição pública, que abrange o 2º e 3º ciclo do Ensino Básico. Apesar de ter edifícios antigos, eram bastante espaçosos, assim como a escola, que tinha um grande espaço de recreio.

A sala de aula de música era uma sala sem mesas só com cadeiras que formavam “uma meia-lua”. Apesar de a sala ser antiga, dispunha de um quadro interativo, um teclado e bastantes instrumentos de percussão e de orff. A escola não tem um manual de Educação Musical adotado.

Um ponto positivo a destacar nesta observação é a posição dos alunos na sala de aula, o facto de estarem sem mesas e estarem numa roda, com a professora incluída nela, ajuda-os a estarem integrados na aula e permite que a professora melhor as questões relacionadas com o comportamento e também que perceba as dificuldades dos alunos. No entanto, a professora demonstrou uma atitude demasiado séria e severa, não dando espaço aos alunos para falarem nem participarem em nada. Quando ela ensinou a posição das notas na flauta, referiu que já tinha ensinado a nota sol, lá, si e dó, mas que os alunos ainda não podiam tocar na flauta, que se quisessem podiam experimentar em casa tocar as notas. O que me leva a pensar em qual será o objetivo disso, uma vez que a prática instrumental está presente nas aprendizagens essenciais e que apenas a vivência direta com a música vai fazer os alunos se desenvolverem musicalmente. Mesmo ao nível da motivação, acredito que não seja motivante para os alunos estarem durante 10/20 minutos apenas a fazer posições na flauta sem as colocarem em prática. Quando a turma passou para a música de Natal, eram bastante afinados e dedicados a cantar a música,

demonstraram felicidade em finalmente puderem tocar os instrumentos de percussão e o produto final ficou bem consolidado e com qualidade, tanto vocal com instrumental.

2. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 2.º CICLO

2.1. ESCOLA BÁSICA AUGUSTO GIL

A Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo do Ensino Básico foi realizada na Escola Básica Augusto Gil que pertence ao Agrupamento de Escolas Aurélia de Sousa, numa turma de 6º ano.

2.1.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Básica Augusto Gil foi fundada em 1973 e é uma instituição pública que integra alunos do 2º e 3º Ciclo. Localiza-se na freguesia de Santo Ildefonso, na cidade do Porto, num edifício histórico devido à sua arquitetura (Figura 1 e Figura 2), onde anteriormente estava em funcionamento o Colégio João de Deus.

Figura 1 - Escola (parte externa)



Figura 2 - Escola (parte interna)



A escola é composta por uma biblioteca e uma sala museu (Figura 3). Na sala museu está presente todas as recordações da escola e também do Colégio João de Deus, dois pianos, instrumentos de altura definida ordenados em mesas e instrumentos de altura indefinida dispostos no fundo da sala. As suas salas de música ficam ao lado da sala museu e estão equipadas com inúmeros instrumentos de altura indefinida, um piano, um computador, colunas e aparelhagem.

Figura 3 – Sala Museu



Para além da disciplina de Educação Musical ser uma oferta formativa da escola até ao 9ºano, a escola tem ainda em funcionamento o clube de canto e de percussão, orientados pelo Professor Carlos Graciano.

2.1.2 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

A turma que lecionei era do 6ºano e era composta por 24 alunos, 10 rapazes e 14 raparigas, de nacionalidade portuguesa, brasileira e cazaquistanesa. De forma geral a turma era bastante complicada ao nível comportamental, qualquer situação era motivo de conversa, havendo também o comportamento negativo sistemático de um aluno em particular. No entanto, era uma turma empenhada, interessada e com bastantes competências musicais. No que diz respeito à multiculturalidade da turma, todos os alunos de outras nacionalidades estavam incluídos e integrados na turma.

2.2 A EDUCAÇÃO MUSICAL NO 2º CICLO

2.2.1 RECURSOS

A sala de aula onde foi realizada a prática educativa supervisionada é uma sala apenas da disciplina de Educação Musical, onde todas as turmas têm aulas na mesma sala. A sala está bem equipada, possui dois armários grandes dentro da parede, com diversos manuais, livros de Educação Musical e inúmeros instrumentos como: adufes, cavaquinhos, guitarra, pandeiretas, maracas, tamborins, pratos, clavas, triângulos, melódicas e um piano. Para além dos instrumentos, a sala dispõe ainda de um computador, sistema de aparelhagem com colunas, um projetor, quadro pautado, uma coluna portátil com dois microfones sem fios, dois microfones com fios, tripés, estantes, uma secretária e as mesas. Como já foi referido anteriormente, a escola tem ainda uma sala museu que é onde estão os instrumentos de percussão e o instrumental orff. Esta sala, a meu ver, apresenta vantagens como o facto de ser possível que todos os alunos toquem instrumentos, sem haver a necessidade de os mudar de sítio, pois encontram-se todos expostos, e é também a sala onde são realizados os concertos.

2.2.2 ATIVIDADES

As aulas lecionadas pelo Professor Cooperante geralmente iniciam-se pela verificação das presenças e dos materiais escolares, em seguida a escrita do sumário de forma ditada, com o intuito de desenvolver a memória auditiva dos alunos. Na fase seguinte, geralmente é executado um jogo de ação/reação, em que o professor faz o movimento (bater palmas, estalar os dedos...) e os alunos têm de o executar ao mesmo tempo. O objetivo desta abordagem é captar a atenção dos alunos para que eles se concentrem naquilo que está a acontecer dentro da sala de aula. Após captar a atenção dos alunos, é realizado o aquecimento vocal através da solmização *a cappella*, e em seguida é introduzido um motivo melódico acompanhado pelo piano, que geralmente é utilizado no produto final.

Após o aquecimento, são realizadas atividades de audição, onde os alunos comentam os conteúdos da aula, de forma ordenada e pertinente. Por fim, a segunda parte da aula é

dedicada à execução de um produto final. As aulas planeadas por mim, tinham como objetivo seguir também esta estrutura, priorizando o saber ouvir, o silêncio e a existência de um produto final.

Para além das tarefas abordadas na sala de aula, os alunos tiveram ainda o concerto de Natal, com a presença dos encarregados de educação, o concerto de comemoração dos 50 anos do 25 de abril, aberto à comunidade escolar e o concerto final de ano, com a presença dos encarregados de educação.

2.2.3 REPERTÓRIO

O departamento da escola adotou o manual Play 6, de Jonas Araújo e Tito Santos, da Porto Editora. Apesar deste manual não ser obrigatório funcionou como um guia nos conteúdos a abordar, sendo que foi da inteira responsabilidade do estagiário escolher que atividades realizar na aula, dando também espaço para a criação de novos materiais conforme os objetivos pretendidos.

Tabela 1 – Planificação a médio e longo prazo

			Interpretação da música "Boneco de Neve"		
17 Novembro	7 ^a	Lecionação	Músicas de Natal "Interpretação da música "Natal Branco"	A voz e a postura corporal	
24 Novembro	8 ^a	Lecionação	Músicas de Natal Interpretação da música "Mistletoe"		Ensaio Geral
15 Dezembro	9 ^a	Lecionação	Músicas de Natal		Concerto de Natal
FÉRIAS	-	-	-	-	-
FÉRIAS	-	-	-	-	-
5 Janeiro	10 ^a	Lecionação	Pop-Rock Interpretação da música "Onde Vais"	Si bemol	
12 Janeiro	11 ^a	Lecionação	Pop-Rock Interpretação da música "Não há estrelas no céu"	Figuras pontuadas	
19 Janeiro	12 ^a	Lecionação	Música Erudita	Compositor Erudito Português	

			Interpretação da música "O milho da nossa terra"		
26 Janeiro	13ª	Lecionação	Música Erudita Audição Musical Ativa "Te Deum"	Forma Rondó	
2 Fevereiro	14ª	Lecionação	Música Tradicional Portuguesa Interpretação da música "Oliveirinha da Serra"	Fá sustenido	
9 Fevereiro	15ª	Lecionação	Música Tradicional Portuguesa Interpretação da música "O milho da nossa terra" e "Oliveirinha da serra"	Fá sustenido	
16 Fevereiro	16ª	Lecionação	Músicas do Mundo – África Interpretação da música "Simamaka"	Monorritmia e Polirritmia	
23 Fevereiro	17ª	Lecionação	Músicas do Mundo – África	Monorritmia e Polirritmia	

			Interpretação da música "Kukukué"		
1 Março	18ª	Lecionação	Músicas do Mundo – Ásia Interpretação da música "Molihua"	Ré Agudo	
8 Março	19ª	Lecionação	Músicas do Mundo – Ásia Interpretação da música "Molihua"	Acordes	
15 Março	20ª	Lecionação	Músicas do Mundo – América Interpretação da música "Garota de Ipanema"	Legato e Stacatto Síncopa	
22 Março	21ª	Lecionação	VISITA DE ESTUDO	-	-
FÉRIAS	-	-	-	-	-
FÉRIAS	-	-	-	-	-
12 Abril	22ª	Lecionação	Música do 25 de Abril Interpretação da música "A saia da Carolina"	Modo Maior e menor	

19 Abril	23ª	Lecionação	Música do 25 de Abril Interpretação da música "E depois do Adeus"	Modo Maior e menor	
26 Abril	24ª	Lecionação	Música do 25 de Abril	Concerto Geral	Concerto do dia 25 de Abril
3 Maio	25ª	Lecionação	Música Jazz Interpretação da música "All of me"	Realce Timbrico Harmonia Timbrica Tercina	
10 Maio	26ª	Lecionação	Música Jazz Interpretação da música "All of me"	Improvisação	
17 Maio	27ª	Lecionação	Música séc. XX Música Eletrónica Composição de uma partitura gráfica	Composição	
24 Maio	28ª	Lecionação	Preparação do concerto de final de ano	Ritmos Pontuados Forma Binária	

			Interpretação da música "Kukué" e "Ao teu ouvido"		
31 Maio	29ª	Lecionação	Preparação do concerto de final de ano Interpretação da música "Kukué", "Oliveirinha da serra" e "Garota de Ipanema"	Ritmos Pontuados Forma Binária	
7 Junho	30ª	Lecionação	Preparação do concerto de final de ano Interpretação da música "A saia da Carolina", "Ao teu ouvido", "Kukué", "Oliveirinha da serra" e "Garota de Ipanema".	Ritmos Pontuados Forma Binária	
14 Junho	31ª	Lecionação	Preparação do concerto de final de ano	Ensaio Geral	Concerto de Final de Ano

2.2.4 PERFIL MUSICAL DOS ALUNOS

Os alunos demonstravam interesse pela disciplina de música e eram empenhados nas atividades propostas. No que dizia respeito às atividades de complemento curricular musicais, como o clube de canto e de percussão, apenas uma aluna frequentava o clube de canto. Com a exceção de um aluno que tocava saxofone, nenhum aluno frequentava aulas de música fora do estabelecimento de ensino.

2.3 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Nesta Reflexão Final da Prática de Ensino Supervisionada, pretendo descrever o meu percurso e a minha evolução durante este ano letivo, assim como refletir acerca dos objetivos aos quais me propus atingir no decorrer do estágio.

No que diz respeito à planificação, numa fase inicial surgiram algumas dificuldades no planeamento da aula. Para além de demorar bastante tempo a planificar uma aula, tinha alguma dificuldade na escolha de tarefas e repertório para determinados conteúdos e também em detalhar as atividades, as estratégias que iria utilizar e a forma como pretendia interligar as diferentes atividades para que tivessem um fio condutor para o produto final de cada aula. (Pacheco, J. A., 2016) Ao longo do tempo, procurei cada vez mais planificar uma aula tendo em atenção as aprendizagens que pretendia para os alunos, adequar o repertório de forma a que os alunos se sentissem mais envolvidos nas atividades e também partilhar o meu próprio gosto pessoal, para que dessa forma os alunos se sentissem mais motivados.

Algo que sem dúvida contribuiu para a minha evolução e facilitou a minha aprendizagem ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, foi a reflexão após cada leção com o Professor Cooperante e as colegas que observavam as aulas, que tal como António Nóvoa (1992) refere “A reflexão sobre a prática pedagógica é fundamental para o desenvolvimento profissional dos professores, permitindo-lhes identificar pontos fortes e áreas a melhorar no processo de ensino-aprendizagem”. Esta reflexão permitiu-me perceber a cada aula, quais os aspetos que funcionaram, os que não resultaram da melhor forma e principalmente, o porquê de não resultarem e o caminho que deveria seguir para alcançar os objetivos pretendidos. Por outro lado, a reflexão após aula desenvolveu o meu sentido crítico. No início do ano letivo, quando realizava observações limitava-me a descrever as atividades que cada colega fazia, e com o passar do tempo passei a observar também o comportamento das turmas, as estratégias utilizadas e se estas resultavam ou não, tentando identificar os fatores que faltavam para que as tarefas fossem bem-sucedidas.

No ensino de conteúdos, procurei ao máximo realizar tarefas criativas, de forma a ter a turma toda envolvida na atividade e motivada. Um exemplo disso, foi a atividade que realizamos no conteúdo do pizzicato, em que eu construí um “cordofone” com um copo de papel e um elástico para cada aluno. Pois tal como refere, Garcia, D. (2013) “A sensibilidade aos sons e a escuta ativa são estimuladas a partir de experiências com a matéria-prima sonora. A criatividade é estimulada na evocação de sons do cotidiano para sonorizar histórias, narrativas ou canções.” Com esta atividade eu pretendi que os alunos estivessem atentos e motivados para uma tarefa relacionada com a música erudita.

A multiculturalidade da turma permitiu-me que na abordagem das músicas do mundo, os alunos de diferentes culturas se sentissem incluídos e que partilhassem algumas curiosidades e conhecimentos acerca das suas culturas. Como foi o caso da música tradicional africana, em que um aluno africano demonstrou aos colegas como tocar djembê e todos ficaram atentos a ouvi-lo, contribuindo para que outros alunos quisessem também experimentar o instrumento.

Relativamente à planificação a médio e longo prazo, esta foi sofrendo muitas alterações ao longo do tempo, devido ao facto da dificuldade que existiu a realizá-la. Como a Prática de Ensino Supervisionada foi a primeira experiência enquanto docente de Educação Musical, surgiram imensas dúvidas de quais seriam os conteúdos que iria abordar, de qual seria a ordem mais lógica para abordá-los e de onde enquadrá-los consoante o tema das aulas. Com o passar do tempo, comecei a perceber que faria sentido organizá-los de forma que existisse uma ligação entre os vários conteúdos e temas, para que assim existisse um fio condutor entre os vários elementos. Um dos meus principais objetivos, enquadrados na planificação a médio e longo prazo no início do ano, foi a prática vocal e a importância do desenvolvimento das noções básicas de técnica vocal (respiração, projeção de voz, articulação das palavras...), tendo em conta que “crianças com treino vocal apresentam uma melhoria das propriedades mecânicas das cordas vocais com índices de periodicidade muito mais baixos do que as crianças sem treino” (Pereira, 2009), abordando também diferentes géneros musicais que os alunos não têm contacto no seu dia a dia.

Ao nível da estrutura da aula, nem sempre foi possível concretizar o meu objetivo de seguir um fio condutor do início ao fim da aula, como se fosse um filme sem tempo perdido, principalmente no início. Apesar de todas as aulas resultarem num produto final, os momentos que senti mais dificuldade foi no ensaio da prática instrumental, em que estava totalmente fora da minha zona de conforto. Refletindo agora, parte dessa dificuldade teria sido superada se tivesse optado por utilizar outras estratégias que para além de auxiliarem o meu trabalho, teriam facilitado a aprendizagem dos alunos. Isto porque, quando existia a mudança de sala de aula para a sala museu, contribuía para a agitação e dispersão da turma, o que implica uma preparação eficaz no momento anterior, para que os alunos saibam exatamente aquilo que têm de tocar e que estejam confortáveis e seguros ao fazê-lo, o que caso não acontecesse contribuía ainda mais para que o objetivo da aula não fosse cumprido.

Um aspeto em que senti uma grande evolução ao longo do ano, foi a minha relação com a turma e conseqüentemente o feedback relativamente às atividades que estávamos a realizar. No início das lecionações sentia grande dificuldade em impor-me na turma e em controlar o comportamento da mesma, algo que com o aconselhamento do Professor Cooperante também foi evoluindo. Em cada aula tentava abordar todos os alunos que estavam a conversar ou que não estavam a participar nas tarefas para que o fizessem, insistindo para que todos estivessem envolvidos. Quando apresentava um novo conteúdo, tentei sempre realizar uma abordagem cativante e fazendo perguntas de forma a captar a atenção de todos os alunos. Como por exemplo, nas músicas do mundo, em que tentei que os powerpoints fossem como uma viagem a esse continente e no início da aula os alunos adivinhassem os países que iríamos visitar, ouvindo géneros musicais tradicionais ou instrumentos tradicionais dos mesmos. Assim, fui estabelecendo uma boa relação pedagógica com os alunos que me ajudou a compreender as suas respostas às atividades, quando começava a existir mais agitação na turma, eu imediatamente tentava perceber o porquê e de que forma poderia reverter essa situação. Pois tal como refere Lopes, R. (2011), “Quando o professor atua nessa perspetiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizador em sua prática docente.” A turma era composta por 25 alunos

e era uma turma bastante difícil ao nível comportamental, que muitas vezes me levou a intervir e mediar conflitos para que existisse um bom funcionamento das aulas.

A realização de concertos foi sem dúvida uma experiência que enriqueceu o meu percurso, pois permitiu-me compreender tudo aquilo que o planeamento e organização de um concerto envolve. Desde o dia e a hora mais adequada para recebermos os encarregados de educação, como a organização do espaço, dos instrumentos e das turmas. Permitiu-me também perceber a importância dos ensaios gerais para que tudo corra como previsto no concerto, é necessário rever tudo várias vezes com a turma, para que durante a atuação eles saibam o que têm de fazer na sala (como entrar e sair do palco, como se posicionarem no palco e a postura a manterem no palco) e essencialmente para que se sintam seguros daquilo que vão interpretar, para que assim exista uma qualidade na performance. No concerto final, o resultado da turma refletiu todos os objetivos que pretendia alcançar, desde a postura corporal, como a projeção vocal, o movimento no palco, a atenção ao instrumento que estão a tocar de forma a ouvirem todos os colegas.

Relativamente à relação e entreajuda estabelecida com as colegas de estágio foi bastante positiva. Existia um apoio e uma ajuda constante entre as quatro, mesmo nos concertos em que as nossas turmas não iriam participar, todas estavam presentes e procuravam ajudar em tudo o que fosse necessário. A relação que criei com as minhas colegas permitiu-me evoluir, as críticas realizadas nos seminários foram construtivas e contribuíram para que olhasse de forma diferente para várias situações que foram surgindo. Destaca-se sem dúvida o bom ambiente vivido na Escola Básica de Augusto Gil e os ensinamentos do Professor Cooperante, que procurou sempre acompanhar-nos e auxiliar-nos no nosso crescimento profissional. Por fim, a Prática de Ensino Supervisionada foi sem dúvida um grande desafio, onde me dediquei e me superei vezes sem conta. Foi um primeiro contacto com o Ensino de Educação Musical que me preparou para o meu futuro enquanto docente.

3. PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

3.1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho está inserido no Mestrado em Educação Musical no 2º ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

Este trabalho visa desenvolver uma compreensão dos conhecimentos e experiências dos professores de música do 2º ciclo do Ensino Básico no que diz respeito à promoção da técnica vocal.

O meu interesse neste tema de técnica vocal prende-se não só ao meu gosto pessoal pela prática vocal, mas também pelas dificuldades que vêm surgindo na prática de ensino supervisionada sobretudo em relação às vozes em fase de desenvolvimento.

Este trabalho está organizado em três partes. A primeira parte dedica-se à revisão de literatura, iniciando-se com a importância da promoção de práticas saudáveis de técnica vocal na infância, antes de olhar mais especificamente para o desenvolvimento da técnica vocal no contexto específico do 2º ciclo de Ensino Básico em Portugal. A seguir, apresenta-se a metodologia da investigação, com uma problemática e a questão que guia este trabalho, assim como os objetivos da investigação e a metodologia que será praticada. A terceira parte é dedicada aos resultados de investigação.

3.2 REVISÃO DA LITERATURA

3.2.1 A TÉCNICA VOCAL NA INFÂNCIA, AS PRIORIDADES NO DESENVOLVIMENTO DE TÉCNICA VOCAL NA INFÂNCIA. ESPECIFICIDADES DE VOZ INFANTIL

Moreira e Ramos (2016) referem que cantar é considerado um ato comum no desenvolvimento de uma criança, podendo ser influenciado pelo meio em que a criança vive. Segundo as autoras, recentemente as crianças tendem a ouvir música que passa na televisão ou nos telemóveis e geralmente, existe uma tendência para que elas imitem a forma de cantar dos intérpretes que ouvem. No entanto, essa forma de cantar pode não ser a mais adequada, tanto na colocação de voz, como na respiração, o que pode vir a gerar alguns problemas na saúde vocal infantil.

As aulas de Educação Musical são, para algumas crianças, o primeiro contacto consciente da prática vocal. Assim, é essencial que o professor de educação musical tenha as competências adequadas para conseguir desenvolver a técnica vocal, percebendo as dificuldades que as crianças têm e arranjando estratégias para promover a saúde vocal das mesmas. (Moreira e Ramos, 2016)

Pereira (2009) no seu estudo acerca da voz cantada infantil, refere que durante muitos anos prevaleceu a ideia de que a técnica vocal não se devesse ensinar as crianças, pois defendiam que o facto das vozes infantis não estarem totalmente desenvolvidas poderia prejudicar a saúde vocal das mesmas. No entanto, a autora afirma que a aprendizagem vocal tanto na infância, como em adolescentes em fase de muda de voz, não é um aspeto negativo que prejudica a criança, muito pelo contrário. Se o docente tiver conhecimento relativamente à fisiologia do aparelho vocal da criança, a aprendizagem da técnica vocal contribui para um aumento da saúde vocal. Pereira (2009) refere que a prioridade do desenvolvimento da técnica vocal depende do contexto em que é aplicado, ou seja, a finalidade do desenvolvimento da técnica vocal no ensino genérico é a prática vocal saudável, para que os alunos tenham uma boa colocação de voz, e conseqüentemente um som de boa qualidade, que resultará como forma de motivação para os alunos.

Moreira e Ramos (2016), descrevem o significado de desenvolver noções básicas de técnica e saúde vocal, como o reconhecimento dos mecanismos respiratórios e a sua relação com a projeção de voz, a distinção entre voz falada e cantada, a importância da postura corporal, a articulação e dicção do texto cantado, a afinação, o fraseado e a dinâmica utilizada na prática vocal e perceber algumas características da execução vocal, como o ataque, projeção e apoio. No contexto do ensino especializado, estes propósitos também se aplicam, mas num sentido mais aprofundado, para que a longo prazo os alunos tenham consciência do que é a técnica vocal, assim como dos termos específicos da mesma.

Pereira (2009) e Moreira e Ramos (2016), apontam mais uma vez para a importância de os educadores musicais terem conhecimentos específicos acerca das vozes infantis. Isto porque o aparelho vocal e até mesmo o sistema respiratório das crianças difere do dos adultos, por exemplo, a estrutura e tamanho das cordas vocais infantis comparadas com as vozes adultas, são mais pequenas e mais sensíveis, e só em grande esforço é que conseguem alcançar a mesma intensidade que um adulto a cantar. Também o ciclo respiratório da criança é menor e o seu timbre é predominantemente agudo e por isso, é importante que os educadores musicais ponderem acerca destas questões, e que o repertório escolhido para apresentar em sala de aula respeite essas características e não exceda o registo vocal das crianças, assim como não tenha motivos demasiado extensos.

3.2.2 O DESENVOLVIMENTO DA TÉCNICA VOCAL NO CONTEXTO ESPECÍFICO DO 2º CICLO DE ENSINO BÁSICO EM PORTUGAL; APRENDIZAGENS

As Aprendizagens Essenciais da Educação Musical do 2ºCiclo do Ensino Básico referem que “A voz e o corpo da criança, bem como os objetos do seu quotidiano, são os recursos privilegiados para o desenvolvimento musical neste nível educativo.”, definindo a prática vocal como uma das competências principais a adquirir. De Uva (2012) defende que a prática vocal é fundamental para o desenvolvimento musical das crianças. Segundo o autor, a voz é o instrumento que elas mais utilizam, portanto, De Uva (2012) questiona se não seria mais relevante se em vez de se limitarem a utilizar a voz, fosse promovida a

qualidade da mesma? Ou seja, fossem desenvolvidos os princípios básicos da técnica vocal?

No âmbito do seu trabalho sobre as práticas de técnica vocal, De Uva (2012), define um conjunto de indicadores de qualidade vocal, divididos em dois grandes grupos, na performance pertence a sonoridade, afinação, fraseado e sustentação, extensão vocal e projeção. No segundo grupo, no repertório inclui o grau de dificuldade do mesmo, como cânones e polifonia, o registo agudo, andamentos mais extremos, idiomas, complexidade rítmica e forma.

De Uva (2012) afirma que existe pouca qualidade vocal e uma grande falta de preocupação por parte dos docentes em relação à forma como as crianças cantam nas aulas de Educação Musical, o que suscita a dúvida se será possível existir uma qualidade da prática vocal, sem que se aborde a técnica vocal. Pois os aspetos técnicos são imprescindíveis para que exista uma qualidade vocal e se fossem abordados progressivamente no dia a dia das crianças e desenvolvidos naturalmente, contribuiria não só para o desenvolvimento musical das crianças, mas sobretudo para uma saúde vocal. É importante que quando a prática vocal aconteça na sala de aula, para além dos alunos cantarem por mera diversão, que estejam conscientes de como utilizar a voz, isto porque, quando cantamos acontece um “fenómeno físico e acústico”, ou seja, o som vocal. O autor refere este principal motivo pelo qual deve existir um acompanhamento ao nível da técnica vocal nas aulas de música, pois se cantar é um fenómeno fisiológico, é necessário que os docentes tenham o devido conhecimento científico acerca da fisionomia vocal da criança. Como por exemplo, o tamanho das cordas vocais (que aumentam na puberdade) e que por isso é essencial que a escolha de repertório seja adequada, para que este não seja demasiado agudo, o mesmo se aplica nos vocalizos.

3.2.3 A FORMAÇÃO EM TÉCNICA VOCAL DOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Para que a técnica vocal seja abordada corretamente nas aulas de Educação é necessário que os educadores musicais tenham conhecimentos específicos acerca dessa área. Amato (2010), reforça esta ideia referindo que um educador musical que tenha um

conhecimento superficial acerca da técnica vocal, não tem competências suficientes para promover uma saúde e qualidade vocal nas suas aulas, e que para além de conhecimentos teóricos, os docentes devem ter também consciência da fisiologia da voz. Laureano e Fernandes (2021), complementam essa conceção referindo que para que um educador musical seja capaz de ensinar, é imprescindível que primeiro tenha consciência e domínio do seu próprio corpo. Pacheco e Figueiredo (2018), acrescentam ainda que os docentes para além do conhecimento base da técnica vocal, é necessário que essa formação seja direcionada para crianças e jovens.

3.3 ESTUDO

3.3.1 PROBLEMÁTICA

As Aprendizagens Essenciais da Educação Musical no 2º ciclo do Ensino Básico referem, no domínio da interpretação e comunicação, que os alunos devem evidenciar o domínio básico da técnica vocal. No entanto, o significado do conceito de técnica vocal não se encontra explícito no documento, ou seja, o mesmo não aborda os objetivos específicos nem exemplos de estratégias a promover na disciplina para desenvolver o domínio básico da técnica vocal.

Para além disso, os docentes não têm todos a mesma formação e o conhecimento que adquiriram ao nível técnica vocal pode não abranger concretamente questões relacionadas com a voz na sua fase de desenvolvimento. Assim, a pergunta que guia este trabalho de investigação é: Quais as experiências dos docentes na promoção da técnica vocal?

3.3.2 OBJETIVOS

O objetivo geral deste projeto de investigação visa desenvolver uma compreensão do nível de formação específica em técnica vocal dos docentes de Educação Musical, e se esta é direcionada para vozes em desenvolvimento.

Os objetivos específicos são:

- i) identificar as ações/tarefas que os professores desenvolvem para promover a técnica vocal e a progressão da mesma,
- ii) compreender as estratégias que os docentes de Educação Musical utilizam para desenvolver a técnica vocal,
- iii) reconhecer os desafios que os professores enfrentam ao nível da técnica vocal e os diferentes métodos que utilizam para os conseguirem ultrapassar.

3.4 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O presente estudo é de carácter qualitativo. Sendo que os objetivos desta investigação se centram na identificação das experiências que os professores de música no 2º ciclo do Ensino Básico têm em técnica vocal infantil, considera-se importante procurar uma amostra relativamente grande e diversificada, que permitirá uma compreensão mais alargada sobre as realidades enfrentadas pelos professores. Por este motivo, considera-se que um inquérito online poderá ser a forma mais eficaz de produzir dados sobre as experiências dos professores de várias localidades, e que sejam estatisticamente significativos.

Robson (2002), refere algumas desvantagens relativamente ao inquérito de investigação. A primeira desvantagem é o facto de as respostas dos inquiridos serem influenciadas pelas características pessoais deles, como por exemplo, as suas memórias, os conhecimentos, a sua experiência de vida, ou até mesmo a sua personalidade. Cada pessoa tem as suas crenças e opiniões, mas nada garante que as expressem nas respostas aos inquéritos, pois existe o estigma de ficar bem visto aos olhos da sociedade.

Outro ponto referido pelo autor, é o facto de as perguntas nem sempre serem totalmente explícitas, assim como não existem formas de compreender se os inquiridos encararam

com seriedade o inquérito e isso pode comprometer os resultados. (Robson, 2002) Segundo os autores Henriques & Santos (2021), a falta de detalhe na conceção das perguntas pode levar a uma superficialidade nas respostas. De Lima (1972), acrescenta ainda que a forma como as questões são formuladas pode comprometer as respostas das mesmas, isto porque, de uma só questão podem surgir inúmeras interpretações diferentes. Robson (2002), menciona que a taxa de resposta aos inquéritos é baixa, podendo por isso não ser uma amostra representativa. Esta baixa taxa de resposta dá-se pelo motivo de não ser possível motivar os inquiridos a responder ao inquérito, pois não têm qualquer obrigação em fazê-lo e também por não ser possível esclarecer dúvidas que possam surgir (Henriques & Santos, 2021).

No que diz respeito às vantagens, Robson (2002), aponta que o inquérito permite uma investigação acessível e imediata à análise das perspetivas, convicções e objetivos, assim como à recolha de informações que podem ser generalizadas a grande parte da população. Relativamente aos tipos de perguntas, apesar de as respostas abertas darem espaço aos inibidos de apresentarem de forma mais detalhadas as suas perspetivas e de darem a conhecer as suas experiências, as respostas fechadas, por exemplo de escolha múltipla ou de resposta curta, o que segundo De Lima (1972) e Henriques & Santos (2021), são umas das vantagens dos inquéritos. Isto porque as respostas fechadas pedem aos inquiridos que selecionem uma opção ou seja, que tomem uma posição relativamente a um assunto, o que não dá espaço para interpretações erradas e que torna o posicionamento do inquirido mais claro e objetivo, algo que muitas vezes não acontece com as perguntas de respostas abertas. (Henriques & Santos, 2021)

Para além disso, autores como Henriques & Santos (2021) e Robson (2002), apontam que o nível de propagação do inquérito é bastante elevado, podendo ser feito via Internet, sendo muitas vezes a forma mais acessível de obter informações de um grande número de pessoas, num curto espaço de tempo.

Robson (2002) relata que o facto de o inquérito permitir o anonimato proporciona respostas mais sinceras e explícitas, principalmente quando se trata de questões ou temas mais sensíveis. Por sua vez, Henriques & Santos (2021) acrescentam que ao responder a um inquérito, o inquirido não se encontra inibido, o que contribui para uma maior

sinceridade nas suas respostas, uma vez que não se vai sentir julgado se nas suas respostas for contra os ideais da sociedade.

3.4.1 PROCEDIMENTO E INSTRUMENTOS DE RECOLHA

Este inquérito destina-se aos professores de Educação Musical do 2º ciclo do Ensino Básico. A participação no estudo é voluntária e anónima, está previsto que o tempo de resposta seja inferior a dez minutos. O inquérito foi alojado na plataforma 'Google Forms' e esteve disponível entre o dia 25 de janeiro até ao dia 30 de Abril de 2024.

O inquérito é composto por 12 perguntas obrigatórias, com a opção de responder a mais três itens, as perguntas incluem perguntas fechadas e abertas. Para a análise do inquérito serão utilizadas técnicas de análise quantitativas e qualitativas.

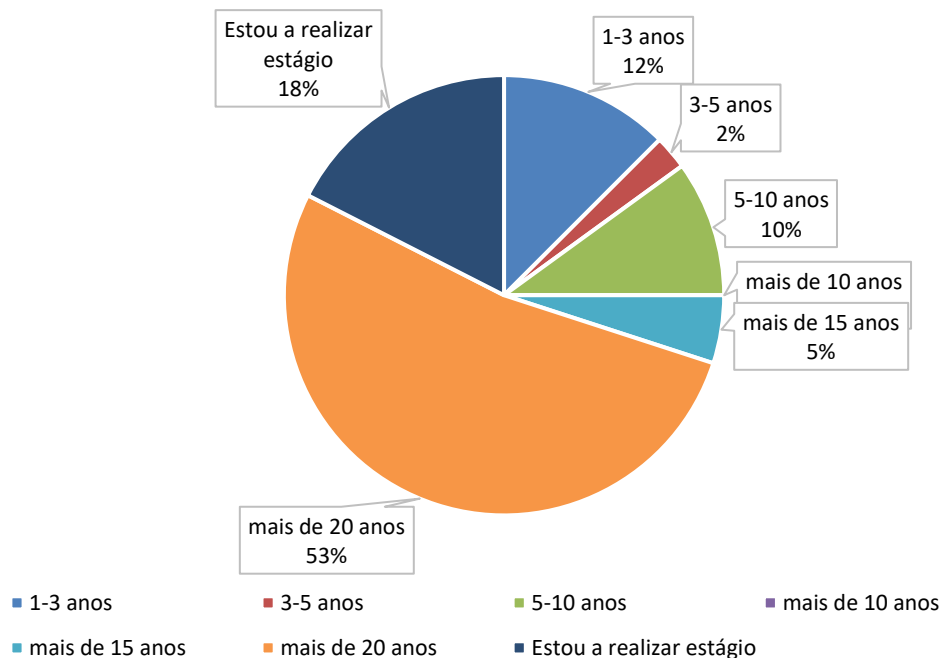
3.5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.5.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A primeira parte do inquérito trata-se de uma caracterização dos participantes.

Os participantes foram inquiridos sobre há quantos anos estão a exercer funções enquanto docentes de Educação Musical no segundo ciclo do Ensino Básico. Os resultados demonstram que mais de metade (52.5%) dos participantes estão a lecionar há 20 anos ou mais. Dos outros participantes, nota-se uma certa concentração de professores no início da carreira (12.5% estão a exercer há um a três anos), ou a realizar o seu estágio (17.5%).


Figura 4 – Inquérito: Resposta à questão 1



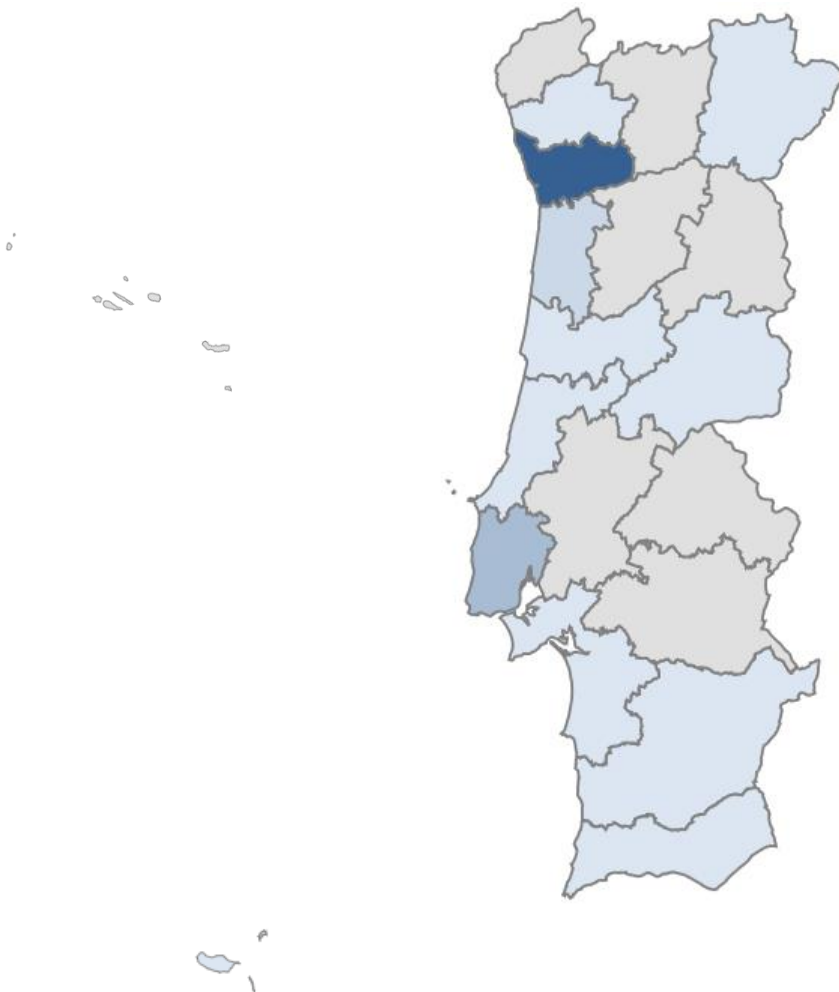
A segunda pergunta estabelece em que zona do país os professores estão a exercer funções. Nota-se que a maioria dos respondentes indicam que estão a exercer funções na zona do Porto (45%). No entanto, os resultados demonstram uma amplitude geográfica ao nível nacional, sendo que os participantes indicaram que estão a exercer funções nos distritos de Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Faro, Madeira, Lisboa, Leiria e Setúbal.

Figura 5 – Inquérito: Resposta à questão 2

Número de docentes a exercer por distrito

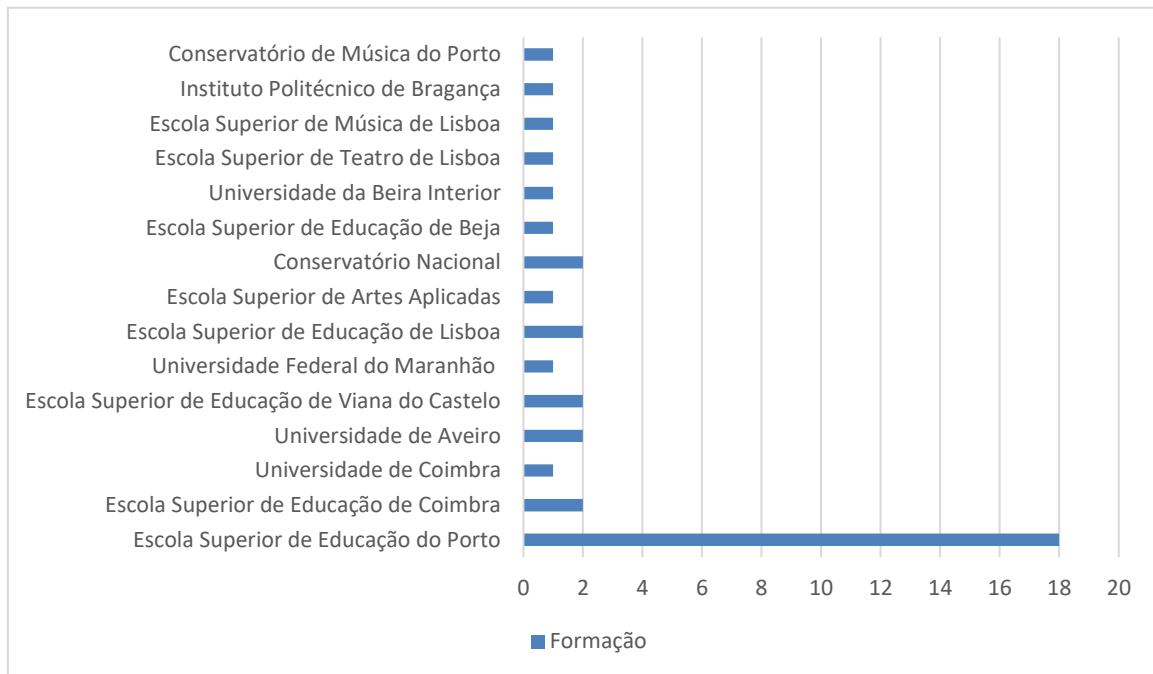


1 20



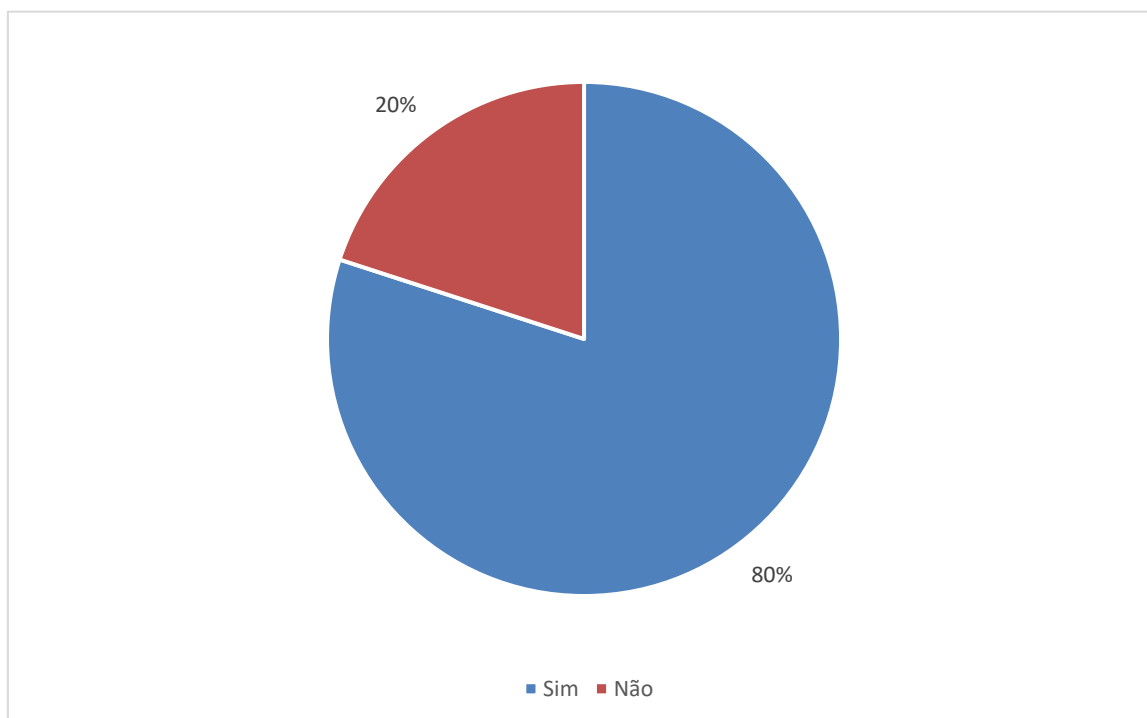
Em seguida, foi pedido aos participantes para indicarem onde realizaram a sua formação.

Figura 6 – Inquérito: Resposta à questão 3



A segunda parte do inquérito foca-se nas experiências dos professores. Assim, a quarta pergunta questiona os participantes se durante a formação académica em Educação Musical foi abordada a técnica vocal, na qual 80% dos professores responderam que sim, e 20% responderam que não abordaram.

Figura 7 – Inquérito: Resposta à questão 4



Na quinta pergunta, foi pedido que os inquiridos descrevessem as suas experiências em técnica vocal na sua formação em Educação Musical.

Uma parte substancial das experiências foram no âmbito do coro e/ou direção coral, sendo que nunca tiveram oportunidade de trabalhar ao nível individual. No entanto, alguns respondentes afirmam que estas experiências lhes deram bases para conseguir trabalhar com os seus alunos.

“Embora focada na técnica vocal do professor, a unidade curricular de técnica vocal 1 e 2 deu-me ferramentas para ouvir criticamente outras pessoas a cantar. Foram também abordados conteúdos base sobre o aparelho vocal e a sua prática, passando por métodos de prática vocal tradicionais e contemporâneos. Também ficamos com um repertório extenso de exercícios para trabalhar questões específicas.” (Resposta 1)

“Participação num grupo coral e exercícios de técnica vocal que permitiu adquirir competências para trabalhar com alunos.” (Resposta 31)

Outros participantes no inquérito não detalharam o contexto no qual foi abordada a técnica vocal, mas referiram alguns dos conteúdos abordados, como por exemplo exercícios de respiração e de colocação vocal. Enquanto um participante apontou para uma formação mais teórica e não prática.

“Aulas de técnica vocal. Exercícios de respiração e colocação vocal.” (Resposta 6)

“Apenas num semestre, exclusivamente teoria conceptual” (Resposta 32)

Um outro problema identificado foi uma abordagem que teve como o seu enfoque apenas a música popular.

“Na minha experiência de formação, a técnica vocal segue, maioritariamente, uma abordagem eurocêntrica. Numa proporção menor, a técnica vocal é abordada na lógica da música popular.” (Resposta 5)

Alguns participantes indicaram que gostariam de ter tido uma formação mais completa ao nível de técnica vocal. Semelhantemente, outro participante também referiu que a técnica vocal foi dirigida a si própria e não necessariamente com intuito de conseguir ajudar alunos no futuro.

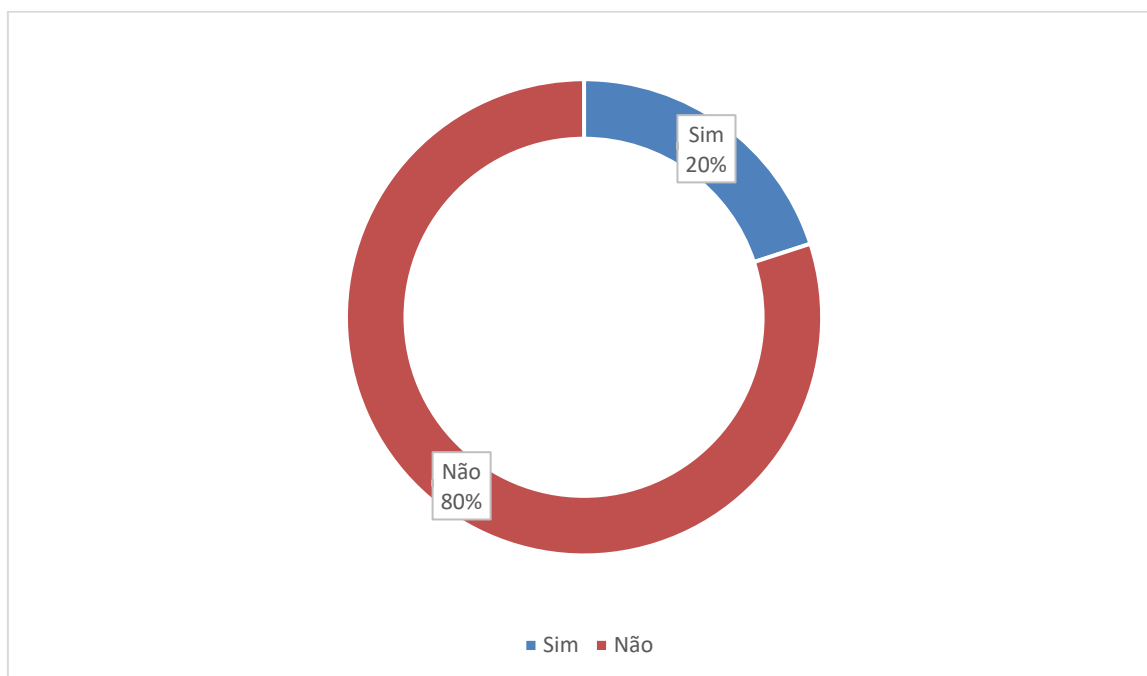
“A disciplina foi mais focada na minha técnica vocal e não como poderia ajudar os alunos futuramente.” (Resposta 2)

Por outro lado, também houve respostas que descreveram uma formação bastante completa, em que os participantes se mostraram satisfeitos com as bases em técnica vocal, e que essas experiências realmente lhes deram competências para conseguirem desenvolver a técnica vocal na sua profissão. No entanto, apesar de falarem de repertório e de técnica vocal, apenas um participante referiu que teve formação específica na técnica vocal para a infância.

“Técnica vocal para a infância, classe de coro, aulas de canto” (Resposta 22)

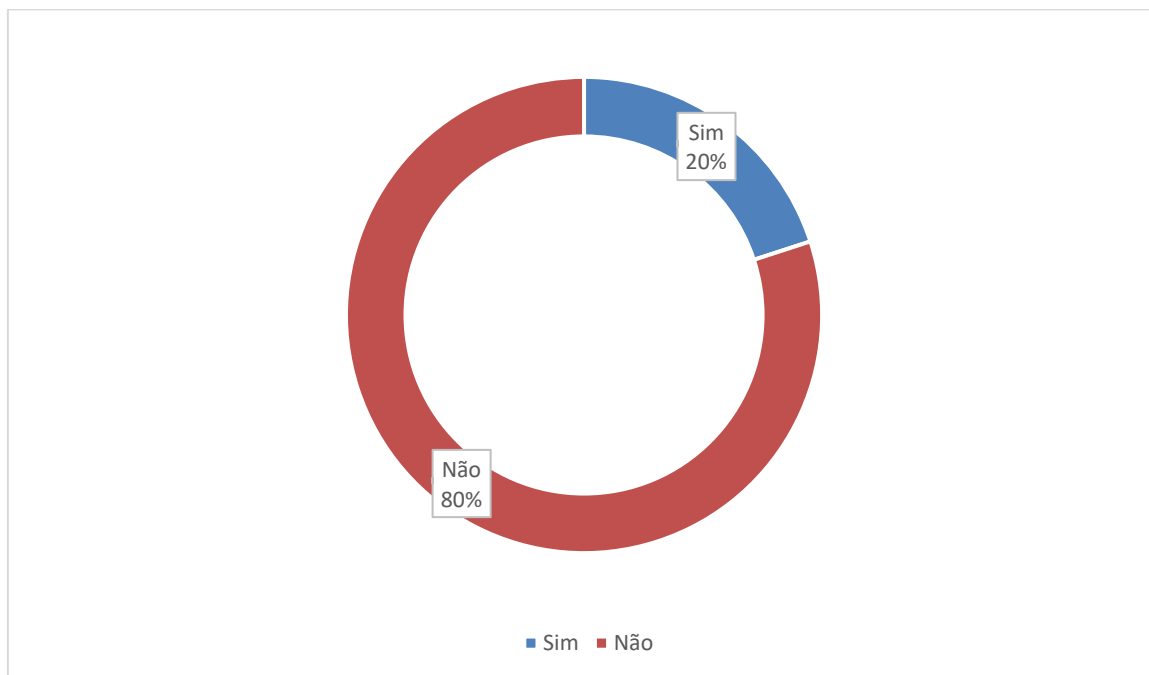
Após descreverem a sua experiência em técnica vocal, foi questionado se nessa formação académica foi abordada técnica vocal direcionada para vozes em fase de desenvolvimento, que por sua vez, 20% das respostas descrevem que sim e 80% que não.

Figura 8 - Inquérito: Resposta à questão 6



Semelhantemente, foi também questionado na 7ª pergunta, se os docentes alguma vez realizaram alguma formação direcionada para vozes em fase de desenvolvimento, obtendo os mesmos resultados que na questão anterior.

Figura 9 - Inquérito: Resposta à questão 7



Na oitava pergunta foi pedido que os professores descrevessem aquilo que entendem como técnica vocal.

Alguns participantes referem que a técnica vocal é o saber colocar a voz para cantar e falar, assim como toda a técnica que é necessária para o fazer.

“Toda a técnica necessária para cantar/falar, desde a respiração à projeção de voz, e o cuidado a ter com as cordas vocais.” (Resposta 6)

“O modo como se utiliza e coloca a voz para falar e cantar.” (Resposta 19)

Por outro lado, algumas respostas retratam a técnica vocal como uma forma de preservar a voz e a saúde vocal.

“A capacidade de usar o primeiro e mais importante de todos os instrumentos - a voz - de forma a otimizar e potenciar a sua utilização.” (Resposta 35)

“São estratégias para desenvolver a voz de forma saudável e como melhorar a performance vocal.” (Resposta 29)

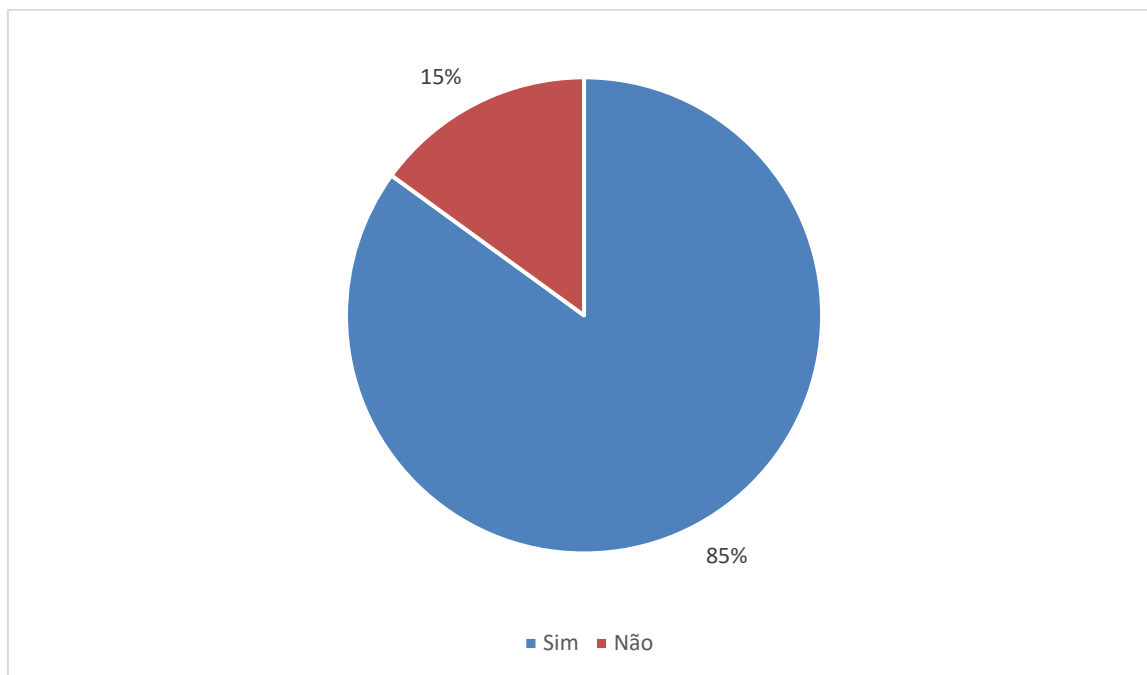
Também alguns respondentes referem que a técnica vocal é um conjunto de procedimentos como a respiração, a projeção vocal, a postura corporal, a articulação das palavras, que funcionam como um aprimoramento da voz cantada.

“Desenvolvimento de habilidades e conhecimentos necessários para o desenvolvimento e aprimoramento da voz cantada. Envolve o domínio do controle da respiração, postura corporal adequada, projeção vocal, articulação, expressão e musicalidade.” (Resposta 34)

“Formas de domínio vocal, exploração do corpo e da voz para consciencialização do aparelho vocal, alargamento da tessitura, domínio tímbrico e de diferentes formas expressivas/ interpretativas.” (Resposta 17)

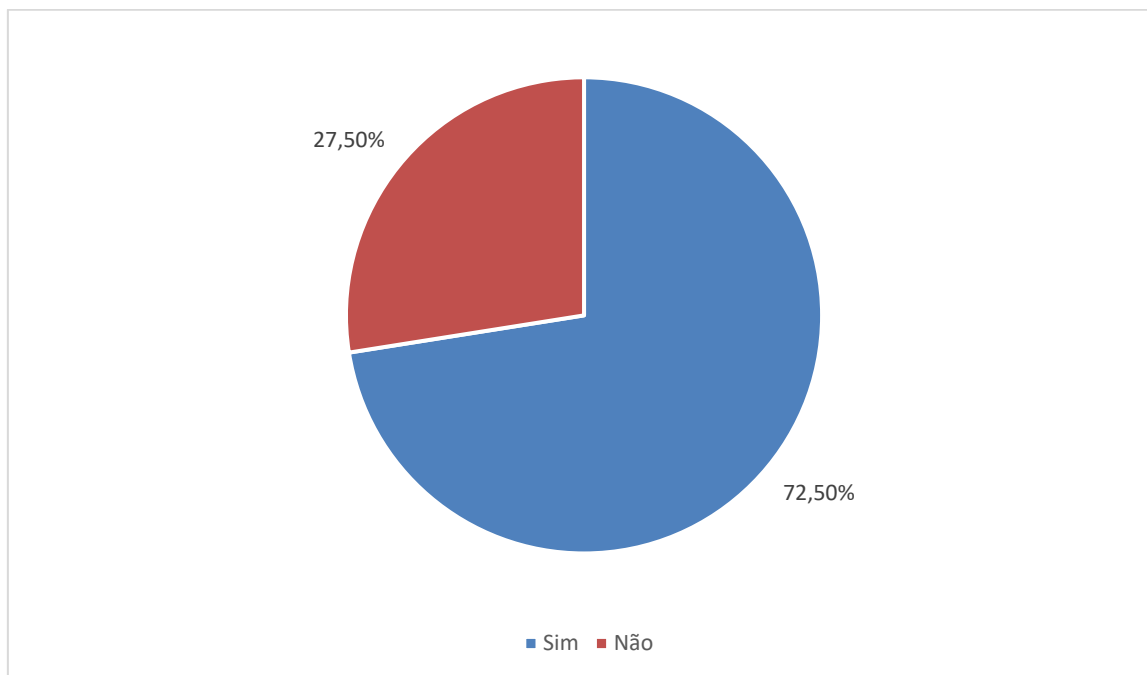
Na pergunta seguinte, foi questionado se os docentes durante as aulas consciencializam os seus alunos acerca da técnica vocal, em que a maior parte afirmam que sim.

Figura 10 – Inquérito: Resposta à questão 9



A décima pergunta do inquérito, questiona se os inquiridos costumam utilizar alguma estratégia ou método para desenvolver a técnica vocal nos alunos.

Figura 11 - Inquérito: Resposta à questão 10



Relacionado com a pergunta anterior, foi pedido que os docentes descrevessem de que forma desenvolvem a técnica vocal nos seus alunos. A grande parte dos participantes referiram que utilizam os aquecimentos vocais, vocalizos com pequenas melodias em graus conjuntos e exercícios de respiração.

“Nas minhas aulas realizo sempre que cantamos exercícios de respiração. Não só como forma de aquecer o corpo e interiorizar a concentração, mas efetivamente porque os exercícios de respiração ajudam os alunos a controlarem a voz cantada mesmo sem saber que o estão a fazer.” (Resposta 6)

“Aquecimento, preparação e exercícios com pequenas melodias com graus conjunto.” (Resposta 24)

“Utilização de vocábulos nas diferentes notas do ascendente e descendente com acompanhamento do piano.” (Resposta 27)

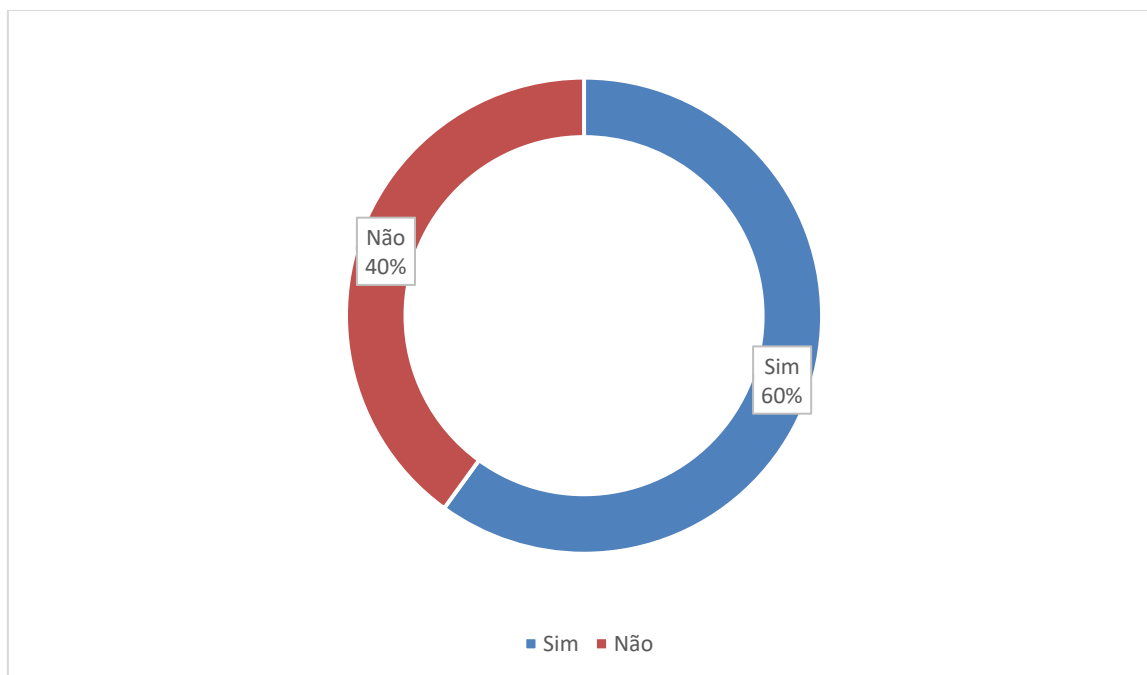
Alguns participantes acrescentaram que para além do aquecimento vocal e os exercícios de respiração, dão importância à postura corporal, assim como à projeção vocal, articulação das palavras e à afinação, que acreditam serem as aspetos essenciais para a consciencialização do aparelho vocal.

“Respiração adequada; Projeção vocal; Articulação; Postura; Vocalizos (escalas; arpejos entre outros); Afinação” (Resposta 11)

“Colocar o som vocal no corpo / instrumento e no espaço); exercitar postura corporal e respiração; as ressonâncias da voz; a afinação / tom; a articulação dos sons / palavras e frases; a projeção no corpo e no espaço; a interpretação (estilo / forma)” (Resposta 20)

Em seguida, os inquiridos foram questionados se utilizam alguns exercícios específicos para o desenvolvimento e progressão da técnica vocal. Em que 60% dos participantes responderam que sim e 40% responderam que não.

Figura 12 – Inquérito: Resposta à questão 12



Para além dos exercícios descritos anteriormente como o aquecimento vocal, os vocalizos, os exercícios de respiração, na décima terceira pergunta, foram questionados quais os exercícios específicos que os docentes utilizam para o desenvolvimento e progressão da técnica vocal. Alguns participantes afirmaram que aumentam o grau de dificuldade desses exercícios para que exista uma evolução da técnica vocal nos alunos.

“Maior dificuldade dos exercícios, maior extensão, mais legato.” (Resposta 13)

“Vocalizos e canções com dificuldade adequada aos alunos” (Resposta 1)

Algumas respostas demonstram também que os docentes utilizam ainda exercícios como a entoação de escalas com diferentes vogais e de tríades por imitação, com enfoque na articulação das palavras e na flexibilidade do aparelho vocal.

“...Exercícios de pergunta-resposta, exercícios de imitação de tríades e intercalares, entoação de escalas.” (Resposta 15)

“Cantar escalas musicais usando diferentes sons de vogais, praticar arpejos e glissandos para melhorar a flexibilidade da voz. Praticar canções ou exercícios focados na clara articulação das palavras e exercícios com trava-línguas” (Resposta 10)

Por outro lado, alguns inquiridos referem que apenas abordam a técnica vocal em casos particulares.

“Apenas quando há necessidade, como é o caso de alguma apresentação em datas comemorativas onde as crianças participam cantando. Aquecimento vocal, respiração, vibração de língua e lábios.” (Resposta 9)

“Depende dos casos, se os alunos desafinarem, procuro que ouçam bem para conseguirem corrigir a afinação.” (Resposta 20)

Foram inúmeros os desafios de trabalhar a técnica vocal em sala de aula que os docentes referiram na décima quarta pergunta.

O maior desafio (respondido mais vezes) foi a falta de tempo que a disciplina de Educação Musical tem no currículo, pois acreditam que com pouco tempo de aula é difícil abordar a técnica vocal em sala de aula. Em seguida, os participantes responderam que a mudança de voz é também um dos constrangimentos desta prática, tal como trabalhar a afinação.

“A falta de tempo para praticar e implementar esta prática nas aulas.” (Resposta 13)

“Trabalhar com as crianças que de uma forma prematura estão em mudança de voz.” (Resposta 14)

“Os maiores desafios é quando me encontro com alunos que não conseguem afinar e são monocórdicos.” (Resposta 8)

Também a motivação dos alunos foi um dos desafios bastante referidos, uma vez que os docentes consideram difícil cativar os alunos quando eles não demonstram interesse por cantar. Assim como acreditam que o facto de as turmas terem muitos alunos, não facilita o processo da prática vocal.

“Levar os alunos a gostarem de cantar em grupo e levar a praticar em casa” (Resposta 27)

“As turmas com grande número de alunos e o tempo escasso para poder desenvolver outro tipo de aprendizagens!” (Resposta 16)

Quando questionados acerca dos critérios utilizados para superar estes desafios, os docentes responderam que para superar a falta de tempo que disciplina tem, tentam criar atividades extracurriculares e que para superar o constrangimento da mudança de voz, escolhem uma tessitura confortável para cantar, em relação à afinação os participantes referem que optam por utilizar o processo de audição e repetição e também aplicam a técnica vocal de forma individual quando é possível.

“Criar atividades extracurriculares relacionadas com o canto.” (Resposta 13)

“Ter em atenção à extensão vocal das músicas.” (Resposta 2)

“Quando é possível faço técnica individual.” (Resposta 39)

“Tentar estar mais atenta às necessidades dos alunos (ouvir os alunos por pequenos grupos para ter um feedback das suas necessidades) e utilizar a minha voz como o melhor modelo possível para os alunos.” (Resposta 9)

Em relação à motivação dos alunos, os participantes referem que para combater essa desmotivação fazem uma escolha criteriosa dos materiais escolares para que estes agradem os alunos e com isso eles se sintam mais motivados. Sendo que para superar a dificuldade de as turmas terem muitos alunos, os professores não conseguem encontrar uma solução uma vez que não têm poder sobre isso e que não têm outro espaço onde possam lecionar as aulas de música.

“Seleção criteriosa de repertório tendo em conta a qualidade da estética musical, acessibilidade da tessitura vocal e motivação através da temática musical” (Resposta 3)

“Motivá-los através da interpretação de canções atrativas e/ou contemporâneas.” (Resposta 18)

“Neste momento, nenhum. Apenas faço no ambiente onde estão mesmo, pois não há outro espaço.” (Resposta 12)

Por fim, na décima sexta pergunta foi questionado se os professores consideram que formação que têm em técnica vocal foi o suficiente para o exercício das suas profissões. A maior parte dos participantes responderam que apesar de ter preparado de alguma forma, não foi o suficiente.

“Considero que a minha formação me preparou para aperfeiçoar/enriquecer a minha performance vocal, no entanto no que diz respeito a estratégias específicas para utilizar atualmente na minha lecionação, apesar de poder pegar em algumas técnicas que aprendiz não foi tão eficaz/esclarecedora.” (Resposta 9)

“Foi importante, mas faltou a técnica para vozes em desenvolvimento.” (Resposta 40)

“Considero que sim, no entanto, sempre é importante o professor buscar mais informações e formas de desenvolver melhor o seu trabalho.” (Resposta 12)

“Foi suficiente, porém necessito de mais formação pessoal e individual” (Resposta 36)

Por outro lado, algumas das respostas demonstram que a técnica vocal que tiveram na sua formação não os preparou suficientemente.

“Não preparou, mas consciencializou de alguma forma para a importância da técnica.” (Resposta 16)

“Insuficiente.” (Resposta 24)

“Não tive formação em técnica vocal.” (Resposta 23)

3.5.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os participantes deste inquérito representam uma amostra diversificada, pois apesar de existir uma concentração de pessoas que estudaram na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, a distribuição geográfica atual dos participantes implica que a maioria dos distritos de Portugal estão representados. Semelhantemente, apesar desta concentração, os participantes também representam 14 outras instituições do ensino superior, desde o interior até ao sul, e ainda um participante que se formou no Brasil. Um outro fator que contribuiu para a diversificação da amostra prende-se aos anos de experiência dos participantes, sendo que a maioria estão a exercer funções há 20 anos ou mais.

Os resultados demonstram que a maioria dos participantes tiveram acesso à formação em técnica vocal. No entanto, os resultados também demonstram que a maioria dos inquiridos consideram que a formação que acederam durante os seus percursos académicos não foi suficiente. Em muitos casos, a formação em técnica vocal tinha como enfoque o desenvolvimento da técnica vocal do estudante, principalmente através de participação no coro da instituição. Por um lado, este enfoque no desenvolvimento da técnica vocal do futuro professor, tal como Laureano e Fernandes (2021) referiram, é muito importante uma vez que para que um professor seja capaz de ensinar técnica vocal tem de ter um conhecimento prévio do seu corpo e da sua voz. Um dos participantes referiu que esta formação permite que seja o melhor modelo possível para os alunos em termos de técnica vocal. No entanto, apenas um participante confirmou que teve formação específica para a técnica vocal para a voz infantil. Os restantes apontaram que a formação direcionada a si próprio não abordou a questão de voz infantil e/ou vozes em desenvolvimento, o que segundo Pereira (2009) é algo imprescindível uma vez que o aparelho vocal das crianças difere totalmente de um adulto.

Os professores inquiridos entendem a técnica vocal como um meio para a otimização da performance, mas também percebem a sua importância na promoção da saúde vocal. 85% dos professores inquiridos tem como prática consciencializar os alunos sobre a

importância da técnica vocal, apesar de um participante explicar que só trabalha a técnica no âmbito da preparação para um evento específico.

Quando foram pedidos exemplos práticos, todos detalharam exercícios específicos, que abordam a postura, a respiração, a colocação e a dicção, o mesmo grupo de indicadores que De Uva (2012) referiu anteriormente. No entanto, 40% dos professores não têm formas para abordar o desenvolvimento e a progressão da técnica vocal nas suas aulas, e apesar de aumentarem a dificuldade dos exercícios, nota-se que nem todos têm a experiência ou a formação específica para desenvolver um programa sequencial para o desenvolvimento da técnica vocal.

Acerca dos desafios específicos, muitos dos inquiridos mencionaram uma falta de tempo nas aulas, em conjunto com turmas grandes, o que dificulta a capacidade de acompanhar as crianças no desenvolvimento vocal. No entanto, os participantes também deram exemplos de áreas específicas dentro da técnica vocal onde sentem mais dificuldades, nomeadamente durante a mudança de voz, mas também com crianças com mais dificuldades na afinação. Ora, a mudança de voz está bem documentada na literatura académica sobre a técnica vocal. Giga (2004), refere que a mudança de voz é um processo que deve ser encarado com seriedade por parte do professor e é necessário que o mesmo tenha conhecimentos específicos acerca da tessitura adequada em fase de mudança de voz, pois o mau uso da voz nesta fase pode causar lesões severas.

Quanto aos problemas de afinação, um dos participantes usou o termo ‘monocórdico’ para descrever as dificuldades dos alunos, que por sua vez, aponta por uma falta de formação na parte da professora, pois segundo Welch (2016), a incapacidade de cantar é frequentemente uma construção social, que se propaga devido a uma falta de conhecimento sobre a voz em desenvolvimento.

“Indiscutivelmente, o número de “falhas” no canto que são geradas socialmente nas nossas comunidades, seriam reduzidas radicalmente se houvesse uma maior consciência de: a) como se desenvolve o domínio da voz, b) como crianças da mesma idade podem estar em diferentes fases de desenvolvimento e c) das

atividades de canto adequadas numa fase em que a voz está em desenvolvimento.”
(Welch, 2016, p.442)

CONCLUSÃO

O presente trabalho de investigação visava desenvolver uma melhor compreensão das experiências dos docentes de Educação Musical na promoção da técnica vocal. Através da realização de um inquérito online, que contou com a participação de 40 professores de Educação Musical, representando 11 distritos de Portugal, foi possível averiguar o nível de formação específica em técnica vocal dos docentes de Educação Musical, e até que ponto é que esta é direcionada para vozes em desenvolvimento.

Os resultados demonstram que a maioria dos participantes tiveram acesso à formação em técnica vocal. No entanto, a análise temática das respostas abertas revela que a maioria acedeu esta formação específica através da participação no coro da instituição do ensino superior que frequentaram, ou através de aulas de técnica vocal focadas no desenvolvimento da sua própria técnica. Apesar de reconhecer a importância do desenvolvimento de técnica vocal do próprio professor, as respostas dos inquiridos demonstram que os professores de Educação Musical raramente têm acesso à formação específica sobre a técnica vocal para vozes infantis/em desenvolvimento, e que, por sua vez, enfrentam problemas na sala de aula.

LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

O inquérito, enquanto técnica de produção de dados, permitiu uma recolha de dados sobre o contexto específico de Educação Musical em Portugal e as experiências dos professores em termos de técnica vocal. Como este é um dos primeiros estudos que aborda este tema, o inquérito foi importante para produzir dados gerais. No entanto, um futuro estudo poderá incluir a realização de entrevistas semiestruturadas, que por exemplo, permitirão um maior nível de detalhe sobre determinados assuntos, sendo que nem todos os inquiridos explicaram bem as suas respostas em relação às perguntas abertas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste trabalho de investigação demonstram que a maioria dos professores de Educação Musical em Portugal não tiveram acesso à formação específica em técnica vocal relacionada com a voz em desenvolvimento. Por sua vez, esta falta de formação pode ser relacionada com certos desafios enfrentados pelos professores na sala de aula, sobretudo em termos de mudança de voz e na forma que abordam questões de afinação. Semelhantemente, vários inquiridos afirmaram que sentem que a formação que acederam em técnica vocal não foi suficiente para os preparar para trabalhar questões de técnica vocal com alunos na sala de aula. Os resultados desta investigação apontam para uma necessidade de promover uma formação mais abrangente sobre a técnica vocal e em específico, na voz em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amato, R. (2010). Interdisciplinaridade, música e educação musical. *Opus*, 16(1). pp. 30-47 <https://anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/224/203>

De Lima, M. P. (1972). O inquérito sociológico: problemas de metodologia. *Análise social*. pp. 558-628. <https://www.jstor.org/stable/41008093>

Bago de Uva, J. (2012). Práticas de Técnica Vocal e Respiratória ('PRATÉVOR') e Outros Fatores Potenciadores da Qualidade do Canto Coral no 1.º Ciclo do Ensino Básico. *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 2, 13-30. doi: <https://doi.org/10.34639/rpea.v2i1.77>

Direção-Geral de Educação – DGE. (2018). Aprendizagens Essenciais | Articulação com o perfil dos Alunos – 2.º Ciclo do Ensino Básico Educação Musical. <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais>

Dos Santos, L. G., & Fernandes, A. J. (2021). O regente-professor de canto: reflexões sobre formação e atuação profissional. In *XXV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical*. http://www.abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/1126/public/1126-4282-1-PB.pdf

Gaborim-Moreira, A. L. I., & Ramos, M. A. D. S. (2016). A pedagogia vocal na regência coral infantojuvenil: conceitos e reflexões. In *Anais do XXVI Congresso da ANPPOM. Belo Horizonte*. https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2016/4267/public/4267-14234-2-PB.pdf

Garcia, D. M. (2013). Na Rota da Lata: obras e autores sobre a construção de instrumentos musicais com materiais alternativos. In *CONGRESSO DA ANPPOM, 23.º*. https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2013/2511/public/2511-6877-1-PB.pdf

Giga, I. (2004). A educação vocal da criança. *Revista Música, Psicologia e Educação*, 6, 69-80. <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/3153>

Henriques, S., & Santos, J. R. (2021). Inquérito por Questionário: contributos de conceção e utilização em contextos educativos. *Universidade Aberta*.
<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/10696/3/Inqu%c3%a9rito%20por%20Question%c3%a1rio.pdf>

Lopes, R. (2011). A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem.
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>

Ministério da Educação. (1991). Programa de Educação Musical – Plano de organização do ensino-aprendizagem. Ensino Básico 2.º Ciclo (Vol. I). Lisboa: Ministério da Educação/Direção-geral do Ensino Básico e Secundário.

Nóvoa, A. (1992). Formação de professores e profissão docente. Em A. Nóvoa, Os professores e a sua formação (pp. 13-33). Publicações Dom Quixote.
<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>

Nóvoa, A. (2002). *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Educa.

Pacheco, C. & Figueiredo, S. (2018). A Voz na formação inicial de professores de música: um estudo em três cursos de licenciatura em música da região sul do Brasil. In *XVIII Encontro Regional Sul da ABEM*.
http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ersul/v3/papers/3175/public/3175-11024-1-PB.pdf

Pacheco, J. A., & Oliveira, M. R. N. (2016). Políticas de formação de educadores e formadores em Portugal. In *Currículo, didática e formação de professores*. (pp. 45-68) Papyrus Editora. <https://site.livrariacultura.com.br/imagem/capitulo/42105274.pdf>

Pereira, A. L. (2009). A voz cantada infantil: Pedagogia e didática. *Revista de Educação Musical da APEM*, 132, 33-45.
https://www.apem.org.pt/page14/downloads/files/artigo_apem_voz_pdf.pdf

Robson, C. (2002). Surveys and questionnaires. In *Real world research: A resource for social scientists and practitioner-researchers*. (pp. 243-283). Wiley.

Welch, G.F. (2016). Singing and vocal development. In G.E. McPherson (Ed.), *The Child as Musician: a handbook of musical development*. (pp. 311-329). Oxford University Press.

M

MESTRADO
Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Título: A técnica vocal para vozes em desenvolvimento: Experiências de professores de Educação Musical do 2ºCiclo do Ensino Básico

Nome: Inês Tato Lopes

